



REDE DE JUVENTUDES DO CEARÁ: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA ORGANIZAÇÃO DAS JUVENTUDES DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19¹

YOUTH NETWORK OF CEARÁ: CHALLENGES AND PERSPECTIVES IN ORGANIZING YOUTH DURING THE COVID-19 PANDEMIC

 **Francisco Ytalo de Lima Silva²**

Mestrando em Educação, Culturas e Identidades

Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE e Fundação Joaquim Nabuco – Fundaj.

Recife, Pernambuco – Brasil.

ytalo.lima@urca.br

 **Maria Naiane Bezerra de Araújo**

Graduanda em Licenciatura em Geografia

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE.

Crateús, Ceará – Brasil.

maria.naiane.bezerra07@aluno.ifce.edu.br

 **Cibele Maria Lima Rodrigues**

Doutorado em Sociologia

Fundação Joaquim Nabuco – Fundaj.

Recife, Pernambuco – Brasil.

cibele.rodrigues@fundaj.gov.br

Resumo: O presente estudo objetivou analisar como a pandemia pela Covid-19 afetou a atuação da Rede de Juventudes do Ceará, no que tange às ações integrativas, formativas e de militância com as juventudes cearenses durante o período de restrição de atividades presenciais. Desse modo, realizamos entrevistas semiestruturadas com cinco coordenadores, através do Google Meet a fim de reunirmos informações e dados para a análise. Os materiais decorrentes das entrevistas foram gravados e, posteriormente, analisados de forma qualitativa. Quanto ao arcabouço teórico e metodológico nos valemos das reflexões de Hall (2003), Foucault (1995), Laclau (1990), Minayo (2002; 2014), Gil (2008), entre outras. Os resultados indicaram a Rede como uma prática de articulação em defesa dos direitos das juventudes. A participação foi apontada pelo(a)s entrevistado(a)s como transformadora em termos culturais e políticos. Nesse momento de pandemia, as desigualdades econômicas impedem maior participação devido à falta de acesso à conexão.

Palavras-chave: juventudes; Covid-19; Ceará; Brasil; rede de juventudes.

Abstract: The present study aimed to analyze how the Covid-19 pandemic affected the actions of the Youth Network of Ceara, in terms of integrative, formative, and activist actions with the youth of Ceará during the period of restricted face-to-face activities. Thus, we carried out semi-structured interviews with five coordinators through Google Meet in order to gather information and data for analysis. The materials resulting from the interviews were recorded and, later, analyzed qualitatively. As for the theoretical and methodological framework, we made use of the reflections of Hall (2003), Foucault (1995), Laclau (1990), Minayo (2002; 2014), Gil (2008), among others. The results point to the Network as a practice of articulation in defense of youth rights. Participation was pointed out by the interviewees as transforming in cultural and political terms. In this moment of pandemic, the economic inequalities prevent greater participation due to the lack of access to connection.

Keywords: youth; Covid-19; Ceará; Brazil; youth network.

Para citar – ABNT NBR 6023:2018

SILVA, Francisco Ytalo de Lima; ARAÚJO, Maria Naiane Bezerra; RODRIGUES, Cibele Maria Lima. Rede de Juventudes do Ceará: desafios e perspectivas na organização das juventudes durante a pandemia da Covid-19. *Cadernos de Pós-graduação*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 130-144, jul./dez. 2022.

Disponível em: <https://doi.org/10.5585/cpg.v21n2.21934>.

¹ Trabalho apresentado durante o XII Congreso Latinoamericano de Investigación para la Paz del Consejo Latinoamericano de Investigación para la Paz (CLAIP), realizado entre os dias 3 e 7 de agosto de 2021.

² Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível – Capes, através do Programa de Demanda Social (Mestrado) (Processo Nº - 88887.611725/2021-00).

Introdução

O presente estudo objetivou analisar como a pandemia provocada pelo vírus SARS-CoV-2 (Covid-19) tem afetado a atuação da Rede de Juventudes do Ceará, sobretudo nos processos de articulação e mobilização das juventudes cearenses no período de isolamento e distanciamento social. No trabalho, também mantemos a nomenclatura juventudes no plural, considerando a pluralidade de identidades desse segmento (HALL, 2003). Vale ressaltar o atual contexto brasileiro no qual a pandemia tem sido utilizada como justificativa para o desmonte das políticas públicas direcionadas às juventudes.

Partimos do pressuposto que a luta política se estabelece na forma de práticas articulatórias que propiciam processos de identificação e resistência contra as diversas formas de opressão hegemônicas (LACLAU, 1990; LACLAUMOUFFE, 2001). As consequências nefastas do neoliberalismo ampliam-se com o passar do tempo e afetam de forma diferenciada os distintos contextos e segmentos. Por meio de “tecnologias de poder”, o neoliberalismo, como governo dos corpos e mentes, tem impactado ainda mais os grupos em situação de maior vulnerabilidade, como é o caso das juventudes do campo e das periferias das grandes cidades brasileiras (FOUCAULT, 1995).

Neste sentido, a Rede de Juventudes do Ceará foi criada como uma forma de articulação em torno das lutas por políticas públicas, que são lutas de garantia dos direitos e cidadania. Essa forma de ação coletiva torna-se um instrumento que emergiu dos anseios de diferentes grupos, coletivos, fóruns e organizações para se unir em torno de bandeiras comuns.

Essas formas de atuação são vistas como necessárias a partir da compreensão de que o sistema capitalista, em sua forma geral, prega uma “igualdade de oportunidades e direitos” e garantia de políticas sociais que na prática não se realizam devido às contradições que lhe são inerentes (MARX, 1995). No caso do Brasil, a situação é ainda mais difícil porque, historicamente, a “própria” ideia de que somos sujeitos de direitos ainda não está sedimentada na sociedade. E, os movimentos sociais, em suas lutas, têm sido fundamentais na reivindicação de políticas e construção de novos códigos culturais que afirmam os direitos (ALVAREZ, DAGNINO, ESCOBAR, 2000).

Enquadramento teórico e / ou situacional

O período pandêmico tem suscitado muitas reflexões sobre a negligência demonstrada pelo governo brasileiro em relação à crescente pobreza, ficando mundialmente conhecido por praticar o que Mbembe (2016) chama de necropolítica. Um presidente que defende a Ditadura e se coloca contra os movimentos sociais e suas conquistas. Essa forma de exercício de poder tem ampliado as desigualdades sociais porque se baseia na lógica de destruição e ainda da aniquilação dos inimigos políticos. Assim, ignora as populações vulneráveis ao não produzir políticas que tentem ao menos

amenizá-las.

Luiza Dulci (2020) discorre, de modo breve, sobre as principais implicações e vulnerabilidades que já assolavam as juventudes brasileiras, antes da pandemia e que com ela foram intensificadas, como a violência, o desemprego e a desigualdade econômica. Além disso, ela discute como as políticas públicas voltadas às juventudes foram sendo esvaziadas nos últimos anos, sobretudo, no governo Jair Bolsonaro, que tem agido veementemente para desmontar todas as conquistas sociais das últimas décadas que tinham sido implementadas nos governos petistas (de Lula e Dilma).

Ainda segundo ela, “a condição de vulnerabilidade social, econômica e política torna as juventudes um dos grupos mais afetados pela crise” (DULCI, 2020, p. 1). Por isso, a importância de se realizar cada vez mais estudos envolvendo esses sujeitos e os problemas históricos que os afetam direto e indiretamente. Essa violência estatal tem, historicamente, afetado as juventudes, pela forma mais brutal de ação das polícias, mas também pela ausência de políticas - excetuando-se o período dos governos do Partido dos Trabalhadores, registram-se poucas iniciativas dos governos voltadas para esse segmento. Ademais, mantendo-se esse cenário o contexto pós-pandemia vai ter consequências piores para as vidas dessas juventudes, que vão ser sentidas no presente e futuramente. No contexto de vulnerabilidades alguns segmentos são mais afetados que outros (DULCI, 2020, p 3).

Diante disso, Carolina Corrêa (2010, p. 25) afirma que “a vulnerabilidade não é uma essência ou algo inerente a algumas pessoas ou grupos, mas diz respeito a determinadas condições e circunstâncias, que podem ser minimizadas ou revertidas”. Desse modo, a ação do Estado é de fundamental importância para a superação da violência e das formas que condiciona determinados grupos a situações de vulnerabilidades. Por isso, enquanto aspecto ligado à historicidade da sociedade e suas condições sociais e históricas, tal situação pode ser revertida e até mesmo abolida.

Não é um processo simples, quando estamos diante de uma gestão governamental que quer a todo custo eliminar seu oponente, mas também não é impossível. Nós, latino-americanos já enfrentamos muitas lutas e conseguimos sair delas de cabeça erguida e esse momento truculento e violento que estamos vivenciando no Brasil, logo será superado. Para isso, no entanto, dependemos cada vez mais de organização coletiva para enfrentar os desmandos e a violência do capitalismo, sobre os corpos de nosso povo. Por isso, acreditamos na força e na potência das experiências organizativas das juventudes, como uma chama e um convite para resistir e reafirmar o direito à vida, como também o acesso aos bens naturais que devem ser coletivos.

Por isso, nos desafiamos a construir este estudo sobre essa importante iniciativa conduzida pelas juventudes cearenses, uma vez que ela mobiliza uma diversidade de sujeitos que se encontram

para debater e lutar por políticas públicas de forma organizada. Apesar de o estudo ter como recorte temporal a pandemia pela Covid 19, não deixamos de enfatizar o seu percurso histórico e organizativo, marcado por conquistas e muitos desafios.

Metodologia

Neste sentido, a presente pesquisa tem como metodologia a abordagem qualitativa para a qual importa "o mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível em equações, médias e estatísticas" (MINAYO, 2002, p. 22). Nessa abordagem normalmente se usam os seguintes instrumentos e estratégias: "documentos escritos e material primário recolhido em campo, por meio de entrevistas, grupos focais e observação", segundo Minayo (2014, p. 165).

Desse modo, segundo Marli André (2013, p. 97) podemos fundamentar a abordagem qualitativa "numa perspectiva que concebe o conhecimento como um processo socialmente construído pelos sujeitos nas suas interações cotidianas, enquanto atuam na realidade, transformando-a e sendo por ela transformados".

Seguindo essa abordagem, foram realizadas cinco entrevistas semiestruturadas com integrantes da coordenação estadual da referida Rede. Desse modo, devido às condições sanitárias e os protocolos de segurança adotados pelas autoridades sanitárias para conter a disseminação do *Coronavírus*, realizamos as entrevistas de forma remota, através da plataforma Google Meet. A finalidade foi identificar os desafios e as perspectivas vislumbradas pela Rede de Juventudes do Ceará, na organização das juventudes cearenses do campo e da cidade durante a pandemia da Covid 19. Estava entre os objetivos específicos saber como a pandemia tem afetado a atuação.

Tendo em vista a segurança do processo e o rigor metodológico, após os devidos esclarecimentos sobre os objetivos e a finalidade do trabalho, solicitamos verbalmente a autorização para gravarmos as entrevistas para fins de utilização neste estudo. Ademais, realizamos a coleta de dados a partir da disponibilidade de tempo das pessoas entrevistadas, que foram consultadas com antecedência sobre os dias e horários que podiam ceder a entrevista.

O conjunto de dados obtidos nas gravações foram salvos na ferramenta de armazenamento virtual do Google Drive. Após, as conclusões das entrevistas os materiais foram assistidos, com vistas à seleção de trechos das falas para serem analisados e discutidos no corpo deste artigo, sobretudo na parte que versa sobre os resultados deste estudo. Ao todo foram elaboradas seis questões relacionadas ao tempo de atuação e o processo de inserção/acolhida, pandemia e gerência dos governos federal e estadual e, por fim, sobre as perspectivas e desafios durante e no pós-pandemia para as juventudes brasileiras.

Quanto aos critérios de seleção dos/das entrevistados/as consideramos o tempo de atuação e as atividades/tarefas específicas que desenvolve na organização. No que tange à construção do instrumental de pesquisa, ou seja, as questões semiestruturadas para as entrevistas, nos valem das reflexões e orientações de Gil (2008). Que conceitua a entrevista como sendo uma forma de interação social e uma das técnicas mais empregadas nas Ciências Sociais.

Ainda segundo esse autor, podemos definir a entrevista como sendo uma “técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação” (GIL, 2008, p. 109). Ademais, essa técnica de coleta de dados é pertinente devido a sua flexibilidade, que permite a exploração de determinadas questões de forma mais incisiva e até mesmo, a formulação de outras perguntas durante o processo de entrevista.

Resultados

A análise das entrevistas aponta para a existência de uma dificuldade enorme na articulação das juventudes no formato virtual. É, no entanto, a atividade mais frequente nessa nova forma de existir e de resistir, e tem sido o principal elo de ligação e manutenção do grupo. Mesmo as lideranças têm enfrentado dificuldades em acompanhar as reuniões virtuais devido a problemas de conexão e outros problemas do cotidiano que estão relacionados com as condições de vida e vulnerabilidades. Não há, no contexto atual, nenhuma política do governo federal voltada para juventudes vulneráveis. Nenhuma política de distribuição de computadores ou de conexão que tenha chegado para esse segmento.

No caso do Brasil, já se teve um Programa de distribuição de computadores para estudantes (Programa Um Computador por Aluno), criado no governo Lula, porém com os cortes orçamentários destinados à educação tais políticas foram descontinuadas. As Universidades Federais estão, dentro das suas possibilidades orçamentárias e devido à sua autonomia administrativa, promovendo a distribuição de computadores e chips para conexão, mas não se trata de iniciativa do Ministério da Educação, inclusive um projeto de lei proposto pelo deputado federal Idilvan Alencar, que previa a distribuição gratuita de internet e notebooks para professores e estudantes da Rede Pública de Ensino foi vetado pelo governo. Fato que mobilizou a opinião pública e fez com que o congresso nacional revogasse o veto presidencial.

É notório o desprezo do “desgoverno” de Jair Messias Bolsonaro com as populações mais necessitadas, que sem recursos materiais suficientes dependem das ações governamentais para se manterem e, conseqüentemente, investirem em formação técnica que lhes garanta acesso ao mercado de trabalho, cada vez mais exigente e escasso. Desse modo, tal situação leva-nos a refletir

sobre a importância que o acesso a computadores e a internet, enquanto um direito a ser reivindicado para as juventudes têm nesse período de pandemia, quando quase todos os processos de formação educacional e técnica têm necessitados desses equipamentos e que uma parcela expressiva de nossa população não pode comprar, devidos aos altos custos.

O momento que enfrentamos no Brasil é bastante desafiador, por não termos perspectivas de quando sairemos desse cenário catastrófico, devido ao *coronavírus* somada às ações do desgoverno de Bolsonaro - que tem prolongado a pandemia e nos levado rumo ao caos sanitário, econômico e político. Postergando, dessa forma, o retorno às atividades presenciais, que contribui para desgastar ações contrárias à sua péssima gestão, que tem trucidado nosso povo.

Nesse contexto, as lideranças se ressentem, sobretudo, de não poder realizar as atividades presenciais que revigoram sua militância. Os encontros locais, estaduais e regionais eram os principais espaços de trocas de experiências, de formação e de planejamento das ações que orientavam a rede.

Esses espaços propiciavam a interação e o reforço dos laços de amizade e solidariedade que atuam como impulsos emocionais importantes para a ação coletiva. A transposição desses eventos para o mundo virtual, acaba por não ser muito instigante, uma vez que não tem aquela mesma mística e força dos encontros corpo a corpo, que propiciam a troca de abraços e afetos, que instiga e reforça a importância da luta de cada sujeito, contra as diversas opressões que lhe atravessa e a coletividade como um todo.

Concordamos com Melucci quando afirma que os movimentos sociais são formas apaixonadas de ação coletiva (MELUCCI, 1989; GRAMSCI, 1984), em outras palavras Chantal Mouffe também afirma essa dimensão na participação política (MOUFFE, 2002). Melucci (idem) aponta para outros aspectos relativos aos processos de identificação que passam por compreensões cognitivas de projetos políticos e das estratégias. Juntamos a essas dimensões a compreensão das mobilizações que são perpassadas por sentimentos libidinais, dentro de um horizonte utópico construído coletivamente (LACLAU, 2006). A identidade coletiva também se sustenta pela solidariedade interna do grupo.

Neste sentido, o relato de Adriana Barbosa é bastante elucidativo, por refletir sobre como a militância contribuiu no seu processo de desconstrução, sobretudo, na perspectiva de superação e de mudança de vida, uma vez que teve seu horizonte de conhecimento e compreensão alargado ao participar da Rede de Juventudes, pois conheceu de perto a luta de outras expressões juvenis e seus direitos. Sabemos a importância disso, para a maioria da militância, esse ressignificar a vida em coletividade. Essa percepção da mudança pode ser analisada com uma mudança cultural propiciada

pela participação nesse coletivo. Essa é uma percepção de vários autores das teorias dos movimentos sociais que estudam sua relação com as transformações culturais e políticas (MELUCCI, 2003; ALVAREZ, DAGNINO e ESCOBAR, 2000). Os grupos, como a Rede de Juventudes constituem-se como sujeitos de transformação ético-política, no sentido também usado por Gramsci (1984). Essa relação entre Gramsci e as teorias de identidade está mais detalhada em outro texto (RODRIGUES, 2008) e tem relação com as transformações propiciadas no campo cultural e político.

Diante disso, é importante reconhecer como este coletivo atravessa a sua militância individual e coletivamente, a fim de compreendermos a força e a dimensão que a organização política tem na vida desses sujeitos, que transforma e são transformados durante o processo de articulação em que estão imiscuídos.

Para José Antônio, a partir do momento que nós passamos a nos articular na rede, “a gente tem a oportunidade de avançar na nossa articulação, não só no nível territorial, mas também estadual, porque nós podemos ajudar outras articulações que estão perto de nosso território”. Além disso, aponta que compreende a rede “como um espaço estratégico de articulação que aglutina diversos movimentos sociais populares, pastorais, partidos de esquerda e organizações comprometidas com a vida das juventudes de nosso estado”.

De acordo com Eduana Santos, que tem uma caminhada expressiva na rede, aponta que um dos principais objetivos da mesma é unificar, ter uma unidade das diversas expressões de juventudes do Ceará - em certa medida se aproxima das teorias das identidades coletivas (MELUCCI, 1989, 1994, 2003). Essas teorias apontam que os movimentos sociais enquanto redes que se constituem em seus processos internos de solidariedade, mas também, a partir da tentativa de definir projetos comuns, lutas unificadas e estratégias de ação que interpelam os sujeitos em sua capacidade de indignar-se com as injustiças.

Esse esforço aparece na fala de Eduana: “nós que construímos atividades com juventudes sabemos o quanto é difícil organizar e unificar pautas”. Essa identidade é sempre incompleta, fraturada porque tem sempre um vir a ser, desafios a serem superados a cada momento, como apontam Hall (2003, 2006). Atua na constituição de um horizonte transcendental que impulsiona para a ação coletiva Laclau (2006).

A Rede se tornou essa prática articulatória que consegue aglutinar as diversas juventudes para debater e lutar sobre questões relacionadas à defesa da vida, do meio ambiente, saúde, emprego, entre outras, tendo como ponto central a luta pelos direitos das juventudes. Esse plural na palavra juventude não é apenas retórica, mas a demarcação de uma concepção que inclui a ideia da

diversidade cultural, econômica e política que atravessa esse grupo (nessa faixa etária). Essa diversidade é ontológica, como apontam Maturana e Varela (2001), e define a humanidade em sua forma biológica e social. Ela rasga as caixinhas e coloca todo mundo num mesmo espaço a fim de promover a luta comum por políticas públicas e contra as opressões –essa luta vai incluindo elementos e excluindo outros. Outro ponto destacado por Eduana versa sobre a manutenção da Rede de Juventudes, enquanto instrumento autônomo e autossuficiente para continuar organizando e dialogando com os diferentes grupos juvenis – as concepções e estratégias de sobrevivência. Cabe destacar, que a rede é fruto das ações integrantes do Programa Infância, Adolescência e Juventude (PIAJ) coordenado e mantido pela Cáritas Brasileira, entre os anos de 2013 e 2019. Até então, o projeto tinha recursos que custeavam a realização de reuniões e espaços de formação. Com o encerramento dessa contribuição direta e a importância de continuar a caminhada, agora cabe às juventudes a criação de estratégias subsidiárias para darem continuidade ao trabalho de forma autônoma.

Ademais, a Rede tem atuado como uma forma de potencializar identidades e inserir as juventudes nos espaços de disputas políticas e socioculturais. Desse modo, podemos enfatizar a partir dos relatos que as contribuições dessa organização são potentes, sobretudo quando analisamos do ponto de vista individual e coletivo os discursos das lideranças entrevistadas. Esse pulsar envolve as diferentes expressões juvenis rumo à luta pela consolidação de políticas públicas efetivas, que garantam os direitos sociais para este segmento populacional. A luta da Rede é ampla em termos dos direitos para todos e todas, não se restringe ao coletivo que está participando. A visão de solidariedade com as dores do mundo, denúncia das injustiças e clamor por uma nova realidade, como profetas do presente - como citava Melucci (2003). Por isso, as pessoas entrevistadas ressaltam, que mesmo nesse período de Pandemia, a importância da potencialização destas iniciativas que agregam e disseminam uma mensagem de esperança e resistência, que só a luta organizada pode proporcionar.

Segundo, Laís Cordeiro, foi justamente essa aproximação com a rede de juventudes que propiciou a ela essa afirmação identitária, enquanto mulher negra e quilombola, que reconhece os desafios que tem que enfrentar cotidianamente, mas que sente que sua luta não é individual, e que em diversos lugares existem pessoas como ela, dedicando parte de sua vida a lutar por direitos e melhores condições de vida. Além disso, aponta como principal desafio para nós juventudes brasileiras, o enfrentamento e o desgaste do governo Bolsonaro, para que ele seja retirado da presidência do país, o quanto antes e responsabilizado por seus crimes contra a saúde pública e os direitos humanos.

Nesse quesito é unânime a opinião de todos/as/es entrevistadas/os/es sobre a responsabilidade direta de Jair Bolsonaro no alastramento e descontrole da pandemia no Brasil. Ações estas que lhe renderam a denominação de genocida pelo descaso e desprezo pela vida dos milhões de brasileiros acometidos pela doença. Segundo, Romário Macedo, o que estamos vivenciando atualmente é resultado da minimização que o governo fez e continua fazendo em relação a pandemia e seus efeitos - deixando morrer as pessoas mais pobres com sua necropolítica, como afirma Mbembe (2016).

Para Eduana Santos, faltaram exemplos pedagógicos e estratégias governamentais para contenção do aumento de infectados. Atualmente, a Comissão Parlamentar de Inquérito - CPI da Covid tem escancarado isso, reforçando através de provas, a anuência e a forma criminosas que o governo e sua equipe ignorou o combate da pandemia no país. De forma cínica, foi contrário a todas as recomendações dos órgãos de saúde internacionais, incentivando aglomerações e dispensando o uso de máscaras, além das inúmeras declarações de desprezo em relação aos mortos. Como se não bastasse esse imobilismo proposital, aproveitou o momento para emitir medidas e propostas de ataque aos direitos sociais, ambientais, de povos indígenas - tais como alterar marcos da demarcação das terras, propostas na educação de “homeschooling” e vouchers, reforma para destruir o serviço público. Um verdadeiro arsenal de ações de destruição do estado de direito, duramente conquistado pelos movimentos sociais.

Como consequência dessa irresponsabilidade na gestão da pandemia, as atividades econômicas tiveram que postergar sua retomada, fato que contribuiu para o encarecimento de itens básicos de alimentação, como a cesta básica.

No início da pandemia, o governo não queria pagar um auxílio para as pessoas que perderam seus empregos. O desemprego já estava em crescimento desde 2016 e foi aprofundado com a pandemia. Após uma Reforma Trabalhista que retirou os direitos, o trabalho precarizado se tornou a regra.

Depois de muitas pressões enviou uma proposta de pagamento de R\$200,00 (trezentos reais) ou U\$40,00. Em contrapartida, aprovou uma ajuda bilionária para o sistema financeiro. O Congresso aprovou o valor de R\$600,00 (seiscentos reais) ou U\$121,00 - no contexto que o salário mínimo no Brasil é de R\$1.000,00 (U\$200,00) e ainda é insuficiente para as necessidades básicas de sobrevivência. Com o aumento dos preços esse valor que já era irrisório desvalorizou ainda mais. Houve um intervalo entre janeiro e março de 2021 que não houve pagamento nenhum – pessoas abandonadas à própria sorte e à caridade. O valor foi reduzido a uma média de R\$250,00 – sendo R\$150,00 para pessoas sozinhas; R\$250,00 para famílias e R\$375,00 para mães solteiras.

Diante da ausência de uma política condizente com as necessidades básicas das famílias,

temos vivenciado um cenário catastrófico de pessoas passando fome ou em situação de insegurança alimentar. Devido à crescente pauperização, aprofundada pela pandemia, tem se tornado lugar comum a solidariedade por meio da distribuição de cestas básicas. Essa ação também foi desenvolvida pela Rede, na tentativa de minimizar o caos social instalado, mesmo tendo declarado que a solução seria mesmo retirar o governo.

Diante do exposto, percebemos que existem muitos desafios, sobretudo no que tange ao combate à pandemia e seus efeitos nocivos. Para as lideranças, a esperança é que o governo, que classificam como genocida, seja derrubado o quanto antes do poder, para que possamos conter a pandemia e voltar a sonhar com um futuro, que garanta mais oportunidades para as juventudes e as populações mais necessitadas do país. O grito de ordem é não desanimar, para poder lutar e organizar cada vez mais a população para resistir contra todas as arbitrariedades e crimes cometidos por Jair Messias Bolsonaro.

Para isso, foram criados espaços de descontração e encontros virtuais de acolhidas e cuidado como forma de manter acesa a chama que instiga a lutar por uma sociedade mais justa, solidária e fraterna, que acolha a diversidade dos sujeitos.

Por fim, concluímos com uma reflexão de Romário Macedo, de que apesar de todos os problemas que foram escancarados com a pandemia, é importante que façamos uma reflexão sobre como ela afetou de forma positiva a vida de algumas pessoas, que dedicaram mais tempo para cuidar de si e de suas casas, cultivar alimentos, plantar árvores, ajudar e partilhar alimentos umas com as outras. E completa com uma mensagem de ânimo: “que a sede de justiça e esperança seja o gás e a chama para a luta e resistência contra as opressões, intolerâncias e violências, em nome da liberdade”.

Considerações finais

O contexto de pandemia aprofundou as desigualdades preexistentes. No caso dos grupos que compõem a Rede de Juventudes do Ceará os encontros presenciais (fonte de reforço da identidade coletiva) foram substituídos por reuniões virtuais. Essa forma de ação, além de não transmitir a mesma empolgação, também restringem a participação das pessoas devido às dificuldades de acesso à internet que são decorrentes de processos de exclusão e da falta de política, gerando um processo de desarticulação.

Embora tenham consciência da necessidade do distanciamento social, as lideranças refletem sobre a importância dos encontros presenciais. Também se percebe a necessidade de agregar na luta por políticas para juventude o acesso à internet e a computadores que passam a ser vistos como um direito. Por outro lado, mantém a identidade por meio da solidariedade na ajuda a pessoas

em situação de extrema pobreza.

Ademais, os relatos das lideranças apontam para diversas ações de solidariedades durante esse período que estamos atravessando, como a participação em atividades de arrecadação de doações e distribuição de cestas básicas para as pessoas mais necessitadas. Tudo isso, tem contribuído para manter acesa a chama, que motiva e aquece as juventudes que participam desse espaço de articulação política.

Por fim, tecemos agradecimentos especiais aos sujeitos colaboradores de nossa pesquisa, Adriana Barbosa (agricultora familiar, artesã e militante), Eduana Santos (educadora popular e militante), José Antonio Norberto (jovem camponês, gay e militante), Lais Cordeiro (mulher negra, quilombola, estudante e militante) e Romário Macêdo (jovem camponês, pedagogo e militante), pelas excelentes reflexões e contribuições, que foram de fundamental importância para que pudéssemos refletir e construir este estudo sobre a experiência e atuação da Rede de Juventudes do Ceará durante a pandemia da Covid 19.

Referências

ALVAREZ, Sônia; Dagnino, Evelina; Escobar, Arturo. (Org.) *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras*. Ed.UFMG, 2000.

ANDRÉ, Marli. *O QUE É UM ESTUDO DE CASO QUALITATIVO EM EDUCAÇÃO?*. Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade, v. 22, n. 40, p. 95-103, 16 out. 2019.

CORRÊA, Carolina Salomão. Vulnerabilidades: delimitando o conceito. In: Corrêa, Carolina Salomão. *Violência urbana e vulnerabilidades: o discurso dos jovens e as notícias de jornais*. Dissertação (Mestrado em Psicologia (Psicologia Clínica)) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2010.

DULCI, Luiza. *Como a crise do coronavírus expõe os desafios geracionais*. Friedrich-Ebert-Stiftung, 2020. Disponível em: <<https://brasil.fes.de/detalhe/como-a-crise-do-coronavirus-expoe-os-desafios-geracionais/>>. Acesso em 11 de maio de 2021.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In Dreyfus, Hubert. & Rabinow, Paul (Org.). *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Forense Universitária, 1995.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. - 6. ed. Atlas, 2008.

GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a política e o Estado moderno* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira), 1984.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Ed.UFMG, 2003.

HALL, Stuart. *Identidades Culturais na Pós-Modernidade*. DP&A, 11ª ed., 2006.

- LACLAU, Ernesto. Glimpsing the future. In: CRITCHLEY, Simon; MARCHART, Oliver (Ed.). *Laclau: a critical reader*. Routledge, 2006. p.279-328.
- LACLAU, Ernesto; Mouffe, Chantal. *Hegemony and socialist strategy*. 2.ed. Verbo, 2001. p.93-148.
- LACLAU, Ernesto. *Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo*. Nueva Visión, 1990. p.19-99.
- MARX, Karl. Glosas críticas marginais ao artigo: o rei da Prússia e a reforma social de um prussiano. *Práxis*, n.5, p.69-91, out./dez. 1995.
- MATURANA, Humberto, VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento*. São Paulo: Palas Athena, 2001. (p.7-17)
- MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Arte & Ensaios*. n. 32, dezembro, 2016.
- MELUCCI, Alberto. *Nomads of the present: social movements and individual needs in contemporary society*. Anchor Press, 1989.
- MELUCCI, Alberto. “Movimentos sociais, renovação cultural e o papel do conhecimento. Entrevista a Leonardo Avritzer e Timo Lyra” em *Novos Estudos Cebrap*, Nº 40, 1994.
- MELUCCI, Alberto. *Challenge codes: collective action in the information age* (Cambridge: Cambridge University Press), 2003.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: O desafio da Pesquisa Social. In: DESLANDES, Suely Ferreira et ali (orgs.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21ª. ed. Vozes, 2002. p. 9-27
- MINAYO, Maria Cecilia de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec; 14. ed., 2014. 407 p.
- MOUFFE, Chantal. *Politics and passions: the stakes of democracy*. The Pepin Press, *Centre for the Study of Democracy*, 2002.
- RODRIGUES, Cibele Maria Lima. Los “Sin Techo” Una perspectiva teórica. in MAYA, Margarita López; CARRERA, Nicolás Iñigo; CALVEIRO, Pilar Calveiro. *Luchas contrabegemónicas y cambios políticos recientes de América Latina*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO. (Grupos de trabajo de CLACSO), 2008.
Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/grupos/lopezma/05rodri.pdf> . Acesso em: 20 jun. 2021.